

“Com a cabeça, o coração e o Pé na Estrada”: relato de uma experiência pedagógica.

Amora de Andrade Machado
Universidade de Brasília

Ana Paula Campos Gurgel
Universidade de Brasília

Julia Lopes Soares
Universidade de Brasília

Juliana Albuquerque Campos da Silva
Universidade de Brasília

Resumo

O objetivo deste trabalho é traçar uma breve experiência do projeto de extensão “Pé na Estrada” da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília (FAUUnB), existente como atividade complementar desde 2011. Desempenhando papel importante para a formação acadêmica por meio do agenciamento de viagens de estudo, encontros e outras atividades, os alunos aprendem, por meio do projeto, sobre arquitetura para além do espaço da sala de aula. Neste artigo destacam-se as vivências nas cidades de Belém (agosto de 2017) e São Paulo (agosto de 2018). Ideológica e pedagogicamente, o projeto nasce do entendimento de que a vivência da arquitetura é o que dá sentido à nossa profissão. Por meio das atividades, o corpo discente assume uma postura proativa na construção e (re)produção de conhecimento, enriquecendo as ações de pesquisa e extensão. A escolha dos roteiros permite aproximar realidades que a princípio parecem muito diversas: arte urbana, arquitetura colonial, eclética, modernista e contemporânea, mobilidade e intervenções urbanísticas, parques e jardins, dentre outras escalas das metrópoles.

1. Introdução: arquitetura é coisa para ser vivida

No processo de formação acadêmica do Arquiteto e Urbanista, a experimentação prática dos espaços, quão intensamente eles são organizados por aspectos utilitários e

emocionais, tem um papel balizador. Desde o Renascimento e, principalmente a partir do século XVIII, com a organização das Academias de Belas Artes, iniciaram-se diversos programas de intercâmbio para os estudantes. Por exemplo, a Academia Francesa premiava seus melhores estudantes com o *Prix de Rome*, que constituía uma temporada de estudos na Itália para o contato direto com a cultura arquitetônica clássica (PEVSNER, 2005).

Ao longo dos anos, diversos arquitetos empreenderam viagens de estudo para formação de repertório plástico, conceitual e crítico, a exemplo da emblemática viagem ao Oriente empreendida por Le Corbusier, transformada *a posteriori* em livro que influenciou diversas gerações (LE CORBUSIER, 2007). No contexto brasileiro, o aparecimento das viagens de estudos está ligado ao modelo de ensino praticado na Escola Nacional de Belas Artes – ENBA, no Rio de Janeiro, em inícios do século XX, sobre a égide do movimento Tradicionalista liderado por José Mariano Filho (BRUAND, 2008), que organizou intercâmbios e viagens de reconhecimento às cidades coloniais brasileiras (SODRÉ, 2010). Estas viagens são, por vezes, citadas como formadoras da consciência nacionalista que guiará nos anos subsequentes o Movimento Moderno no Brasil, visto que Lucio Costa foi um dos alunos-viajantes.

Nos currículos atuais essa prática permanece, mas sob novos formatos. As Diretrizes Curriculares Nacionais para Arquitetura e Urbanismo instruem no artigo 6, dentre as várias maneiras que os conteúdos podem ser expostos, a importância das “[...] viagens de estudos para o conhecimento de obras arquitetônicas, de conjuntos históricos, de cidades e regiões que ofereçam soluções de interesse e de unidades de conservação do patrimônio natural” (MEC,

2010, p.3). Dentro do atual currículo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília (FAUUnB), o projeto de extensão “Pé na Estrada” tem por objetivo realizar, dentre outras atividades, viagens anuais de estudos para cidades brasileiras. As visitas proporcionam aos estudantes uma experiência prática, despertando seu senso crítico acerca da produção arquitetônica e urbanística contemporânea, bem como das ações para preservação da memória e do patrimônio edificado. Além das vivências *in loco*, as viagens empreendidas pelo projeto resultam em Exposições organizadas na Galeria Christina Jucá, localizada na UnB, abertas à comunidade.

Segundo Costa (2002, p.23) “arquitetura é coisa para ser vivida”, ou seja, experimentada em suas quatro dimensões. Roteiros arquitetônicos são, portanto, agentes importantes nesse processo de reconhecimento. Se percebemos arquitetura como “[...] sobretudo, o ambiente, a cena onde vivemos a nossa vida” (ZEVI, 2009, p. 28), achamos que seu entendimento não pode estar restrito aos livros ou ao ambiente acadêmico. Isso é também importante quando discutimos questões e ações de preservação patrimonial. Não se pode conservar o que não se (re)conhece ou aquilo que não é distinguido pela população como parte relevante de sua história.

2. Breve relato das experiências

O “Pé na Estrada” desempenha papel importante para a formação acadêmica da graduação da FAUUnB por meio do agenciamento de viagens, encontros, mesas redondas e outras atividades que fazem os alunos aprenderem sobre arquitetura além do espaço da sala de aula. Em nossas experiências a rua, o museu, o parque ou outros espaços convertem-se em locais de aprendizado. Ademais a viagem pode prolongar-se para além daquelas horas em campo, em debates, seminários, exposições e produção acadêmica variada.

A iniciativa surgiu em 2011 com uma viagem para Goiânia, idealizada pelos professores Dr^a. Elane Peixoto e Dr. Ricardo Trevisan e foi retomada depois, em 2013, pelos próprios estudantes. Desde então, o projeto já levou os alunos à Curitiba (agosto/2014); Belo Horizonte, Inhotim e Ouro Preto (março/2015); Rio de Janeiro (outubro/2015); Salvador (agosto/2016); Belém (agosto/2017); São Paulo (agosto/2018) e Recife e Olinda (agosto/2019) - (Figura 01). A escolha dos roteiros tem por objetivo apresentar aos alunos diferentes

nuances da arquitetura das cidades brasileiras, bem como seus aspectos sociais, culturais e econômicos.

As aulas urbanas organizadas pelo “Pé na Estrada” desenvolvem-se em três etapas. Na primeira, a equipe, juntamente com suas professoras coordenadoras, trabalha em toda a estrutura para que a viagem aconteça, o que inclui a elaboração do roteiro, reservas de hospedagem e visitas, inscrições, divulgação e elaboração de um material que os estudantes possam utilizar durante a viagem. Ainda nessa etapa, professores convidados ministram aulas expositivas antes da jornada visando fornecer preparação teórica sobre o destino. A segunda etapa acontece durante o itinerário, no qual cada professor fica responsável por conduzir o grupo em pontos específicos do roteiro e é quando os estudantes participam dos “Momentos Pé na Estrada”, nos quais são incentivados a produzir desenhos, fotografias, colagens e projetos, a partir de suas percepções e vivências. Estas são atividades pensadas, previamente à viagem que complementam a experiência, priorizando a ludicidade e interatividade. Na última etapa, tem lugar a Exposição sobre a viagem, quando os “Momentos Pé na Estrada” são expostos para que as pessoas conheçam mais sobre a cidade a partir do olhar dos futuros arquitetos e urbanistas.

Dentre as viagens empreendidas, destacam-se nesse artigo as vivências nas cidades de Belém (agosto de 2017) e São Paulo (agosto de 2018). Na capital do estado do Pará, cidade portuária, os alunos puderam entrar em contato com a natureza do lugar, no mosaico constituído de paisagens e distintos ecossistemas: florestas densas de terra firme, florestas estacionais, florestas de igapó, campos alagados e outros (SANT’ANNA et al., 2018). As diferentes paisagens urbanas de Belém se formam incorporando ou suprimindo e resignificando as múltiplas produções arquitetônicas e urbano-paisagísticas que marcaram a sua história (Figura 02). “Paris n’América”, como era conhecida no período da *Belle Époque*, está presente nas remanescentes arquiteturas de ferro, símbolo do advento da industrialização (BASSALO, 2008). A viagem propiciou aos futuros arquitetos formados em Brasília - uma capital predominantemente modernista e com organização espacial peculiar - uma realidade nova: Belém como uma cidade de rica variedade de traçados urbanos e edificações coloniais e ecléticas, proeminente em sua dependência do

rio e da floresta com o açaí que é fortaleza para muitos paraenses.



Figura 1. Mural com registro das viagens empreendidas pelo Projeto. Fonte: elaboração própria a partir de fotos do Acervo Pé na Estrada, 2020.



Figura 2. Montagem com as fotos da viagem de Belém. Fonte: elaboração própria a partir de fotografias do Acervo Pé na Estrada, 2019.

Em São Paulo, uma grande metrópole com quase 500 anos de ocupação, decidiu-se traçar como recorte temporal de visita a produção arquitetônica a partir do século XX até a contemporaneidade, priorizando obras arquitetônicas e urbanísticas próximas à atualidade. Essa foi uma demanda dos próprios alunos, uma vez que os últimos roteiros visitaram cidades marcantes por seu patrimônio colonial (p.ex. Ouro Preto, Salvador, Belém, dentre outras) e era, portanto, necessária uma viagem que abordasse a arquitetura contemporânea. Didaticamente, justifica-se esse recorte também pela facilidade de assimilação e permanência dessa gramática arquitetônica modernista na produção atual de várias cidades brasileiras. Os professores que acompanharam a viagem buscaram em suas aulas traçar um diálogo dessa produção com a atualidade e suas influências nas novas gerações, buscando traçar permanências, mutações e readequações das estruturas plástico-compositivas e sociais ao longo dos anos.

O roteiro de visitação de São Paulo foi elaborado a partir de três escalas: edilícia, paisagística e urbanística. Durante a viagem estas escalas eram simultâneas, ou seja, mesmo quando o foco da visita era um edifício, as

questões urbanas e paisagísticas eram discutidas (Figura 03). Os edifícios variam também em tipologias edilícias: desde residências a centros culturais e museus, de edifícios educacionais a programas de múltiplas atividades como os SESC's (Serviço Social do Comércio). Um ponto em comum entre os edifícios públicos visitados foi a grande quantidade de pessoas (entre moradores e turistas) que utilizavam os espaços, demonstrando que o potencial cultural da cidade é reforçado pela abundância desses equipamentos.

Apesar do projeto ter a viagem como atividade principal, o Pé na Estrada possui outras vertentes que se desenvolvem durante o ano todo. Uma das vertentes é o Pé na Esquina, que tem como intuito compreender a dinâmica urbano-paisagística do Distrito Federal através de experiências de deslocamentos, percepções urbanas e visitas às obras arquitetônicas. Passeios que têm se destacado nos percursos do projeto são: a visita ao Campus Darcy Ribeiro da UnB e na Quadra Modelo (Superquadra Sul 308) - (Figura 04).



Figura 3. Montagem com as fotos da viagem a São Paulo. Fonte: elaboração própria a partir de fotografias do Acervo Pé na Estrada, 2019.



Figura 4. Montagem com as fotos do Pé na Esquina. Fonte: elaboração própria a partir de fotografias do Acervo Pé na Estrada, 2019.

Dentre outras vertentes destaca-se também o Pé com Pé, promovido a partir de interlocuções entre sujeitos. Tem como objetivo criar uma rede de troca de conhecimentos com eventos, passeios, palestras, que trazem intercâmbios relevantes entre diversos segmentos e os alunos; ou mesas redondas que proporcionem troca de conhecimento entre os discentes, para estimulá-los a participarem e a questionarem ou olharem a cidade sob outra perspectiva. Todas as atividades realizadas, com exceção da viagem - que é destinada somente aos estudantes da FAUUnB -, são abertas para todos os interessados em participar.

No entanto, devido à pandemia da COVID-19, o projeto teve que se adaptar ao distanciamento social, lançando novas propostas de educação. Foram organizadas uma série de atividades a serem feitas em casa durante a quarentena, todas baseadas em Arquitetura e Urbanismo, e nomeadas, nesta nova vertente do projeto, "Pé em Casa". São jogos de tabuleiro e de memória para imprimir e jogar, cadernos de desenhos das cidades brasileiras para pintar, *templates* para publicar nas redes sociais, além de sugestões de leituras, visitas virtuais e vídeos que contam de experiências a roteiros de viagens.

3. Considerações finais

Por meio do projeto "Pé na Estrada", o corpo discente da FAUUnB assume uma postura proativa na construção e produção de conhecimento, enriquecendo as ações de pesquisa científica e auxiliando na luta pela democratização do acesso à produção acadêmica. Todo conteúdo produzido no decorrer da viagem é difundido em artigos, palestras, manuais, projetos educativos em escolas, além de, principalmente, exposições anuais que relatam a dinâmica das viagens e apresentam os trabalhos desenvolvidos pelos alunos. Assim, o projeto possui teor extensionista, uma vez que produz um processo educativo e cultural, o qual aproxima os corpos discentes e docentes da Universidade e a comunidade.

As viagens não se encerram com o retorno à Brasília. O material produzido pelos alunos nos Momentos foi utilizado, junto com fotografias e outras informações, na elaboração de exposições. Esse é um retorno que os alunos-viajantes dão à comunidade: apresentam um pouco da sua vivência e conhecimentos adquiridos para os demais colegas do curso, da

Universidade e da sociedade em geral. Ademais, as exposições permitem que os alunos se aproximem das discussões sobre arquitetura expográfica, uma vez que todos os projetos são elaborados pela equipe (Figura 05).

Cabe destacar a importância da participação dos alunos no processo de construção, vivência e apresentação da viagem. Principalmente a equipe discente do projeto Pé na Estrada, que é responsável por boa parcela da organização das atividades, especialmente em termos de infraestrutura geral da viagem (deslocamentos, hospedagem, agendamento das visitas, organização do material gráfico e divulgação via correio eletrônico e mídias sociais). Além disso, parte dos discentes a escolha do destino da viagem e dos professores que a acompanharão, participando também ativamente nas reuniões pedagógicas da definição do roteiro e dos momentos. Este é um projeto "dos alunos para os alunos", sem os quais as viagens não existiriam.

Por meio das experiências do Pé na Estrada, abriram-se diversas possibilidades de viver a(s) cidade(s) e complementar as atividades da sala de aula. A escolha dos roteiros permite aproximar realidades que a princípio parecem muito diversas: arte urbana, arquitetura colonial, eclética, modernista e contemporânea, mobilidade e intervenções urbanísticas, parques e jardins, dentre outras escalas das metrópoles. As experiências, obviamente, vão além da arquitetura. Nossos alunos-viajantes puderam se aproximar de sotaques, degustar a variada culinária, explorar as variedades culturais, conhecer o trabalho de movimentos sociais, ver a angustiante realidade do transporte público de massa e da (in)segurança urbana. Além disso, puderam se sensibilizar com os problemas reais e cotidianos das pessoas.

Destaca-se no presente artigo as experiências entre São Paulo e Belém, duas cidades de climas, atmosferas, escalas e arquiteturas muito distintas, que exemplificam o quão plural são a arquitetura e a cultura brasileira. Por meio das vivências, especialmente como pedestres e usuários de transporte público, pode-se sentir as diferenças regionais das metrópoles brasileiras: Belém organiza-se diariamente em antes e depois da chuva; São Paulo, pelo ritmo frenético e incessante dos veículos e transeuntes. Em Belém destaca-se a relação simbólica da floresta com a cidade e sua arquitetura de diversas épocas, por vezes em estado decadente por sua



Figura 5. Montagem com as fotos das exposições. Fonte: elaboração própria a partir de fotografias do Acervo Pé na Estrada, 2019.

conservação deplorável trazendo à tona a necessidade de políticas públicas de preservação e educação patrimonial. São Paulo, por outro lado, mostrou-se como uma cidade de grande pujança do capital financeiro-imobiliário, com imponentes construções contemporâneas assinadas por grandes nomes da arquitetura nacional e internacional. Mas também, foi possível perceber nas entrelinhas as desigualdades sociais inerentes da formação urbana brasileira.

Assim, munido de toda a significância ideológica do processo pedagógico, o projeto se desenvolve com base na premissa de que a vivência da arquitetura é o que dá sentido ao fazer arquitetônico e urbanístico. Não é um desenho elegante de uma planta baixa que representa uma edificação, mas sim uma leve brisa que passa sobre os cabelos e traz o cheiro bom da cozinha ou uma nesga de sol entrando pela janela que esquenta a pele. Ver um edifício através dos livros ou das telas não é capaz de dar

uma visão completa. É preciso percorrer os espaços e senti-los. Arquitetura pode afetar o corpo e a mente. Como arquitetos, somos capazes de criar esses efeitos - correndo o risco de obter resultados desastrosos. É preciso, pois, que na sua formação acadêmica o aluno seja sensibilizado para as consequências práticas e simbólicas que as decisões projetuais acarretam na vida cotidiana.

4. Referências

1. BASSALO, C. C. **Art Nouveau em Belém**. Brasília, DF: Iphan/Programa Monumenta, 2008. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/files/PDFs/Art_Noveau_em_Belem.pdf>. Acesso em 03 jun. 2019.
2. BRUAND, Y. **Arquitetura contemporânea no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 2008.
3. COSTA, L. **Arquitetura**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.
4. LE CORBUSIER. **A viagem do Oriente: Le Corbusier**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
5. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Resolução nº 2, de 17 de junho de 2010: institui as Diretrizes Curriculares

Nacionais do curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo. Publicada no DOU de 18/6/2010, Seção 1, p. 37-38. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=5651-rces002-10&Itemid=30192>. Acesso em 29 set. 2019.

6. PEVSNER, N. **Academias de arte: passado e presente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
7. SANTANNA, C.G. ; GURGEL, A.P.C. ; PEDREIRA, A.L.P. ; MARQUES, J.A. ; MACHADO, N.B. Um pé a céu aberto no Museu de Paisagem de Rosa Kliass: Visita didática a projetos paisagísticos em Belém. In: **Encontro Nacional de Ensino de Paisagismo em Escolas de Arquitetura e Urbanismo no Brasil**, 2018, Cachoeira do Sul. XIV ENEPEA Santa Maria 2018: Escalas da Paisagem / Universidade Federal de Santa Maria. Cachoeira do Sul, RS: UFSM-CS, 2018. p. 1269-1287.
8. SODRÉ, J. C. de A. **Arquitetura e viagens de formação pelo Brasil (1938-1962)**. 2010. 226 p. Dissertação (Mestrado - Área de Concentração: História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) - FAUUSP. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-14062010-153534/pt-br.php>>. Acesso em 20 jul. 2019.
9. ZEVI, B. **Saber ver a arquitetura**. 6ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009. 286p. (Coleção Mundo da Arte).